10.17771/PUCRio.TradRev.34530

A interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz[1]

Guilherme Lourenço*

Introdução

Franz Pöchhacker (2004), no primeiro capítulo de seu livro *Introducing Interpreting Studies*, propõe critérios para se distinguir diferentes tipos e subtipos de tarefas de interpretação. É interessante observar que o primeiro parâmetro tipológico apresentado é a modalidade das línguas envolvidas na tarefa de interpretação (p. 17).

Enquanto as línguas orais são de modalidade oral-auditiva — produzidas pela articulação vocal e percebidas pela audição, as línguas sinalizadas são de modalidade visual-gestual — produzidas por movimentos corporais e percebidas pela visão.

Pöchhacker (2004) faz, então, uma distinção entre interpretação de língua(s) de sinais e de línguas orais. Essa separação pode, a priori, causar estranhamento, já que o trabalho desenvolvido por intérpretes de línguas de sinais é bastante análogo àquele desenvolvido por intérpretes de línguas orais. De modo que os mesmos construtos teóricos e metodológicos utilizados nos Estudos da Interpretação podem ser, e têm sido,

---

[1] Este trabalho é resultado de pesquisas e discussões desenvolvidas no âmbito do Projeto de Capacitação de Tradutores e Intérpretes de Libras – ProTILS (Faculdade de Letras/UFMG).

* Professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando na área de Língua Brasileira de Sinais. Doutorando e mestre em Linguística Teórica e Descritiva (Poslin/FALE/UFMG).

Submetido em 07/07/2017 Aceito em 04/10/2017

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

implementados nos estudos sobre interpretação de línguas de sinais (Janzen 2005, p. 6).

Por outro lado, observa-se um crescente número de investigações que problematizam a questão da diferença de modalidade entre as línguas e os seus efeitos em tarefas de interpretação (Padden 2000; Leeson 2005; Metzger & Quadros 2012; Rodrigues 2013; Lourenço 2015; entre outros). Esses trabalhos argumentam que o intérprete de língua de sinais precisa trabalhar não apenas com línguas diferentes, mas também com modalidades diferentes, o que justifica o uso do termo *interpretação intermodal*.

A questão da modalidade contribui também para o debate sobre a direcionalidade na interpretação. Afinal, qual a diferença entre interpretar de-L1-para-L2 e de-L2-para-L1? Essa questão, bastante debatida nos Estudos da Interpretação, ganha uma nova camada de complexidade quando olhamos para a interpretação intermodal.

Ao realizar uma *interpretação-sinalizada*, o intérprete parte de uma língua oral para uma língua sinalizada. O profissional geralmente é posicionado à frente do público e deve compreender a mensagem auditivamente sem, na maioria das vezes, ter acesso a informações visuais, tais como gestos e expressões corporais utilizados pelo emissor do texto de partida. Além disso, a produção desse intérprete é realizada por meio de movimento das mãos e de movimentos corporais de maneira geral, exigindo também um certo gerenciamento do espaço de trabalho[2], como, por exemplo, cuidar de sua posição no palco e ainda garantir que sua sinalização esteja totalmente visível para a audiência surda. Tem-se ainda o fato de o intérprete partir de uma língua oral (linear e sequencial) e precisar (re)estruturar as informações na língua sinalizada (espacial e multidimensional).

Já ao interpretar de uma língua de sinais para uma língua oral, a chamada *interpretação-voz*, o intérprete passa a se posicionar de frente para o emissor da mensagem, pois sua compreensão do texto de partida é visual

[2] Pointurier-Pournin (2014, p. 205) propõe que esse gerenciamento do espaço físico da tarefa constitui um esforço a mais na interpretação intermodal e o chama de Esforço de Autogerenciamento no Espaço (*Effort d'auto-gestion dans l'espace*).

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

e ele deve estar atento a todos os recursos e construções espaciais empregados no discurso sinalizado, vertendo-os para a outra modalidade. Além disso, questões associadas ao uso e emprego da voz passam a ser relevantes (ver Nascimento 2012). Percebe-se que as duas direções de atuação são metodológica e operacionalmente diferentes, requerendo, portanto, um conjunto específico de estratégias e de rotinas de trabalho para cada uma dessas direções.

Ainda sobre a questão da direcionalidade, nota-se que, geralmente, intérpretes de línguas de sinais preferem realizar interpretações-sinalizadas ao invés de interpretações-voz (Van Dijk et al. 2011; Nicodemus e Emmorey 2013; Napier et al. 2005). Dentre as razões levantadas para se explicar essa preferência, o presente trabalho vem acrescentar um novo ponto a essa discussão: como as diferenças gramaticais entre a Libras e o português impactam a tarefa de interpretação-voz.

Este trabalho organiza-se em três seções. Na Seção 1, faço uma breve revisão de trabalhos que investigam a questão da preferência de direcionalidade por intérpretes de línguas de sinais. A Seção 2 dedica-se a descrever alguns elementos gramaticais da Libras e do português, de modo a discutir problemas de interpretação provenientes das dissemelhanças morfossintáticas entre essas línguas. Por fim, a Seção 3 destina-se às considerações finais.

1. A questão da direcionalidade

De maneira bastante superficial, podemos identificar dois processos centrais a uma tarefa de interpretação: a compreensão do texto na língua fonte e a produção na língua alvo. Adicionalmente, tem-se o fato de que o intérprete é um sujeito bilíngue, quase sempre trabalhando com uma segunda língua (L2).

O caráter bilíngue da tarefa de interpretação trouxe como um ponto central na agenda de pesquisa dos Estudos da Interpretação a questão da direcionalidade. Afinal, em que direção o intérprete obtém melhores resultados: partindo da sua primeira língua (L1-para-L2)[3] ou produzindo

[3] Os termos LA e LB em referência à L1 e à L2, respectivamente, também são encontrados na literatura sobre direcionalidade na interpretação.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

em sua primeira língua (L2-para-L1)? A resposta para essa pergunta depende de como são concebidos os processos de compreensão e de produção na realização da tarefa.

A primeira posição, também conhecida como a posição da Escola de Paris, afirma que uma maior qualidade na interpretação é obtida quando o intérprete está produzindo em sua primeira língua (L2-para-L1). Isso porque o intérprete possuirá muito mais facilidade de produzir em sua primeira língua do que em uma L2 (Seleskovitch 1978; Déjean Le Féal 2003). Já a Escola Soviética defende que o intérprete, quando parte de sua L1, tem plena compreensão da mensagem, de modo que sua interpretação apresentará maior qualidade (Denissenko 1989). A questão que fica é: qual processo é mais demandante para o intérprete: compreender ou produzir? Gile (2005) explica que os resultados encontrados em diferentes investigações são bastante controversos, de modo que essa ainda é uma questão não resolvida na literatura.

Apesar das diferentes posições teóricas, é preciso investigar qual é a percepção que os próprios intérpretes possuem sobre ambas as direções de atuação. Donovan (2004), por exemplo, traz os resultados de uma pesquisa com intérpretes atuantes no Parlamento Europeu que aponta uma nítida preferência na interpretação de-L2-para-L1. Além disso, a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC) recomenda que intérpretes devem atuar sempre tendo a L1 como língua de chegada (AIIC 1970 apud Gile 2005).

Quando se trata de intérpretes de línguas de sinais, a situação parece mudar. Apesar de ainda não termos pesquisas dessa natureza com intérpretes de Libras-português, posso afirmar, a partir de minha própria trajetória em cursos de formação e capacitação desses profissionais, que grande parte apresenta dificuldades em realizar tarefas de interpretação-voz[4]. É possível, até mesmo, encontrarmos profissionais que atuam unicamente na direção português-para-Libras.

[4] Essa observação é compartilhada por colegas professores e também formadores de intérpretes de Libras-português, atuantes em diferentes regiões do Brasil. Além disso, recebemos com frequência questionamentos e queixas de profissionais surdos que necessitam da tarefa de interpretação-voz sobre a qualidade do serviço a eles oferecido.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

Essa preferência pela direção de-L1-para-L2 é encontrada em intérpretes de outras línguas sinalizadas. Napier et al. (2005) investigaram 24 intérpretes de Auslan (*Australian Sign Language*) e a maioria afirmou preferir a interpretação-sinalizada. Resultado semelhante foi encontrado por Nicodemus e Emmorey (2013) ao realizarem uma pesquisa com intérpretes de ASL (*American Sign Language*). Participaram do estudo 701 intérpretes de ASL-inglês e 658 intérpretes de línguas orais. Observou-se que 32% dos intérpretes de línguas orais se sentem confortáveis interpretando em ambas as direções, contra apenas 22% dos intérpretes de ASL. Além disso, 82% dos intérpretes de ASL afirmaram preferir interpretar da L1-para-L2, enquanto apenas 28% dos intérpretes de línguas orais apresentaram essa preferência. Crasborn (2006) e van den Bogaerde (2010) relatam a mesma preferência entre os intérpretes de Língua de Sinais Holandesa.

Preferir uma determinada direção de interpretação não corresponde necessariamente a ter um melhor desempenho nessa tarefa. É preciso verificar se a qualidade da interpretação-sinalizada é realmente superior à da interpretação-voz.

Van Dijk et al. (2011) compararam a interpretação-sinalizada e a interpretação-voz de 25 intérpretes do par holandês-SLN (Língua de Sinais Holandesa). Cada profissional realizou a interpretação simultânea de duas narrativas por direção, que foram avaliadas de maneira global e também quanto à equivalência proposicional de fragmentos pré-selecionados. Em ambas as medidas, identificou-se uma melhor qualidade na interpretação-sinalizada do que na interpretação-voz. Os autores argumentam que a dificuldade de compreensão da mensagem na SLN é determinante para o baixo desempenho nas tarefas de interpretação-voz.

Já Nicodemus e Emmorey (2015) investigaram a produção de 30 intérpretes de ASL-inglês (15 iniciantes e 15 experientes) em ambas as direções de atuação e avaliaram a equivalência semântica e a qualidade articulatória (ritmo, velocidade e prosódia) do texto de chegada. Os intérpretes experientes apresentaram o mesmo desempenho em ambas as tarefas, não sendo observada nenhuma diferença estatística na qualidade da produção em ambas as direções. Já os intérpretes iniciantes tiveram um

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

desempenho superior nas tarefas de interpretação-voz, mesmo afirmando preferir tarefas de interpretação-sinalizada. Isso parece indicar que intérpretes iniciantes têm uma falsa sensação de que possuem um desempenho melhor em tarefas de interpretação-sinalizada do que em tarefas de interpretação-voz. Nicodemus e Emmorey (2015) associam o melhor desempenho na interpretação-voz apresentado pelos intérpretes iniciantes ao fato de que produzir na L1 é menos cognitivamente demandante do que produzir na L2.

Note que apesar de resultados divergentes, em ambos os estudos, os intérpretes possuem uma clara preferência pela interpretação-sinalizada (mesmo que a qualidade da produção não corresponda a essa preferência). Qual seria o motivo dessa preferência?

Napier et al. (2005) argumentam que o fato de as línguas de sinais serem línguas minoritárias pode influenciar essa preferência. Ao realizar uma interpretação-sinalizada, o intérprete, geralmente, tem como audiência um número pequeno de pessoas surdas que, por sua vez, já estão habituadas ao trabalho do intérprete e são mais tolerantes quanto à qualidade da interpretação. Já na interpretação-voz, há uma audiência muito maior e o intérprete passa a falar para o grupo linguístico majoritário. Isso pode aumentar o estresse na execução da tarefa, além de trazer para o intérprete uma sensação de maior responsabilidade.

Van Dijk et al. (2011) refletem também sobre a experiência profissional desses intérpretes que, em sua maioria, atuam muito mais na interpretação-sinalizada do que na interpretação-voz, por uma simples questão de demanda. Assim, as habilidades de produzir um texto de chegada em SLN se desenvolvem mais do que as habilidades de produzir um texto de chegada em holandês, por exemplo.

Nicodemus e Emmorey (2013, 2015) apresentam mais três fatores que podem explicar essa preferência de direcionalidade. O primeiro deles é que, em uma interpretação-sinalizada, o intérprete pode contar com a datilologia (alfabeto manual) como um recurso compensatório, de modo a suprir um sinal desconhecido ou, ainda, quando este não consegue encontrar uma construção na língua de sinais que seja equivalente à

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

mensagem da língua fonte[5]. Em contrapartida, quando o intérprete está realizando uma interpretação-voz e se depara com um sinal desconhecido por ele ou com uma informação de difícil interpretação, não há nenhuma estratégia compensatória equivalente que possa ser utilizada no texto de chegada. Adicionalmente, enquanto a datilologia pode ser um recurso que 'facilita' a interpretação-sinalizada, ela pode dificultar a tarefa de interpretação-voz, já que muitos intérpretes apresentam dificuldades em sua compreensão.

O segundo fator diz respeito à prática de transliteração e a sua aceitação pela audiência. Ao se deparar com problemas de interpretação, muitos intérpretes passam a transliterar. Na interpretação-sinalizada, o intérprete pode produzir os sinais da língua de sinais mantendo a estrutura gramatical da língua oral, resultando na comumente chamada interpretação palavra-sinal. O produto dessa sinalização é agramatical, mas audiências surdas possuem certo grau de aceitação desse tipo de produção, seja porque alguns surdos são sujeitos bilíngues e possuem certo domínio da língua oral, ou simplesmente pelo fato de muitos surdos não poderem opinar sobre a qualidade do serviço a eles oferecido. Por outro lado, transliterar da língua de sinais para a língua oral é completamente inaceitável pela audiência ouvinte, que prontamente rejeita esse tipo de produção.

Por fim, as autoras levantam a questão do automonitoramento. Intérpretes de línguas de sinais possuem grande dificuldade de automonitorar sua produção em sinais, não sendo capazes de perceber os erros cometidos.

Emmorey, Boworth e Kraljic (2009) afirmam que o automonitoramento da produção linguística em línguas de sinais é diferente do automonitoramento da produção em línguas orais. Enquanto o falante de língua oral conta com o *feedback* auditivo, o falante de língua de sinais depende do sistema somatossensorial. Assim, falantes de uma língua de sinais como L2 precisam adquirir essa nova forma de automonitorar sua

[5] Vale ressaltar que o uso da datilologia não garante semelhança interpretativa, uma vez que a audiência surda pode desconhecer a palavra e/ou o conceito originado da língua oral.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

produção o que, supõe-se, só deve ocorrer em níveis elevados de proficiência

Já ao interpretar da língua de sinais para a língua oral, há altos níveis de automonitoramento, devido ao *feedback* auditivo que os intérpretes têm de sua própria fala. Por esse motivo, esses profissionais podem ter a falsa sensação de que a sua interpretação-sinalizada possui melhor qualidade do que sua interpretação-voz, simplesmente por não terem condições de avaliar a qualidade de sua produção sinalizada.

Além dos fatores apontados acima, gostaríamos de abordar algo que é específico do par linguístico envolvido: as dissemelhanças morfossintáticas entre a língua de partida e a língua de chegada.

2. Diferenças gramaticais e seus efeitos na interpretação simultânea

Em uma interpretação simultânea, o intérprete precisa lidar com duas línguas que possuem duas gramáticas distintas, em um curto período de tempo. Línguas que são mais distantes gramaticalmente entre si impõem um desafio adicional, exigindo a adoção de estratégias específicas. Wang (2016, p. 3351) observa que essas "diferenças gramaticais se correlacionam com mais omissões, mais substituições de conteúdo, mais erros gramaticais e mais correções na produção de maneira geral" (tradução nossa).

Al-Rubai'i (2004), por exemplo, investiga como a diferença de ordem dos constituintes entre o inglês e o árabe afeta o desempenho de intérpretes que trabalham com essas línguas. Apenas para exemplificar o tipo de problema investigado por Al-Rubai'i, tem-se que os adjetivos em inglês ocorrem em posição pré-nominal, enquanto os adjetivos em árabe, após o substantivo. Em uma sentença do tipo '*she is <u>an intelligent, industrious, attractive and extraordinary woman</u>*', o intérprete que parte do inglês para o árabe precisa armazenar em sua memória todos os adjetivos que vão aparecendo no discurso até que apareça o nominal *woman* e ele finalmente possa produzi-los em posição pós-nominal no árabe.

Além do exemplo acima, outros pares linguísticos já foram objeto de estudo, tais como alemão-inglês (Jörg 1997; Kurz e Färber 2003), inglês-japonês (Gile 1997), inglês-coreano (Lee 2002), inglês-italiano (Zanetti 1999), mandarim-inglês (Siliang 2005; Wang 2016), entre outros.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

É interessante observarmos que essa distância gramatical pode influenciar na percepção do profissional sobre a tarefa. Veja, por exemplo, o relato de Riccardi (1996, p. 213):

> "minha experiência pessoal me traz a convicção de que interpretar do inglês para o italiano é bem menos fatigante do que interpretar do alemão para o italiano, porque as estruturas sintáticas do alemão diferenciam-se bem mais do italiano do que as do inglês" (tradução nossa).

É a partir dessa noção de diferença gramatical que discutiremos a seguir como algumas características morfossintáticas da Libras e da Língua Portuguesa podem influenciar em uma tarefa de interpretação-voz. A primeira dessas características é a marcação de gênero em ambas as línguas.

2.1 Gênero

No português, "o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas 'coisas', como 'casa', 'ponte', 'andaiá', femininos, ou 'palácio', 'pente', 'sofá', 'masculinos'" (Mattoso Câmara Jr. 2006, p. 88). Além disso, nos contextos em que ele é flexional e se relaciona com gênero biológico, este é marcado por meio de um morfema preso, sendo, geralmente, caracterizado pelo morfema {-o} para o masculino e {-a} para o feminino, como em *ti-o* e *ti-a*, por exemplo.

A Libras não possui gênero gramatical. Já a marcação de gênero biológico se dá por meio de uma composição dos sinais HOMEM[6] e MULHER com o respectivo substantivo, como nos exemplos a seguir:

[6] Os sinais da Libras serão aqui glosados em língua portuguesa e escritos em versalete. Ilustrações serão fornecidas quando necessário.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

Figura 1. Sinal HOMEM à esquerda e AV@ à direita. O composto significa *avô*.

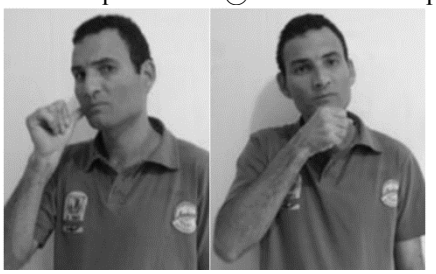

Figura 2. Sinal MULHER à esquerda e AV@ à direita. O composto significa *avó*.

Uma vez que em Libras o gênero biológico é marcado por meio de um processo de composição envolvendo morfemas livres, essa marcação morfossintática é completamente opcional na língua e sua ocorrência dependerá de sua relevância discursiva. Assim, caso a informação de gênero não seja relevante para o discurso, ela tende a não aparecer na sentença.

O desafio é colocado quando o intérprete em uma tarefa de interpretação-voz depara-se com um nominal em Libras que não aparece especificado por gênero, mas que possui marcação de gênero obrigatório em português.

Lourenço (2016) investiga esse tipo de ocorrência no produto da interpretação-voz de 11 intérpretes de Libras-português. O primeiro exemplo trazido pelo estudo é a escolha realizada pelos intérpretes ao se depararem com o sinal MÉDIC@ na sentença a seguir:

FAMÍLIA PREOCUPAD@ ELA SURDO OU OUVINTE / PRECISA IR **MÉDIC@** AUDIOMETRIA[7]

[7] A família estava preocupada se ela era surda ou ouvinte. Precisava ir ao médic@ e fazer uma audiometria.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

Ao se depararem com o sinal MÉDIC@, 10 dos 11 intérpretes produziram em língua portuguesa a palavra "médico", empregando o gênero masculino. Apenas 1 produziu "levar ao hospital", construindo assim uma expressão neutra em termos de gênero biológico. Isso poderia indicar que, na ausência de marcação de gênero em Libras, os intérpretes optam por empregar o gênero masculino como se fosse uma estratégia *default* (padrão). Contudo, Lourenço traz um exemplo em que isso não acontece:

ENTRAR ESCOLA / **PROFESSOR@** AFLIT@ LIBRAS NÃO-SABER[8]

Ao verem o sinal de professor@, 10 dos 11 intérpretes produziram "professora" e não "professor". Apenas um dos intérpretes produziu o plural "professores", que pode ser considerado neutro em relação a gênero biológico.

Lourenço (2016) propõe, então, que os intérpretes, ao se depararem com um substantivo sem marcação de gênero em Libras, adotam como estratégia padrão o uso do gênero mais prototípico. Assim, existe uma prototipicidade de que "médico" seja do sexo masculino, enquanto que "professor", especialmente dos primeiros anos de escolarização da criança, seja do sexo feminino[9].

Restam, ainda, casos em que não há uma prototipicidade associada ao nominal, como, por exemplo, o sinal FILH@. Não há um protótipo de filho que aponte para o sexo masculino ou feminino. Assim, os intérpretes precisavam decidir qual gênero empregar na sentença a seguir:

MEU **FILH@** BEBÊ NOME M-A-R-I-A C-A-R-O-L-I-N-A[10]

[8] Ao entrar na escola, @ professor@ ficou aflit@ por não saber libras.

[9] As razões socioculturais que levam a essas representações prototípicas fogem completamente ao escopo deste trabalho.

[10] Quando o sinal é glosado S-I-N-A-L, indica que o sinalizante produziu letra por letra por meio do alfabeto manual (datilologia).

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

O interessante dessa sentença é que no final da frase a narradora diz o nome "Maria Carolina". Contudo, 9 dos 11 intérpretes produzem em português a palavra "filho". Há ainda 1 ocorrência da palavra "bebê" e apenas 1 profissional decide atrasar sua produção até o ponto em que vê o nome Maria e produz corretamente "filha".

Vale observar ainda as escolhas realizadas pelos 9 intérpretes que produziram "filho", ao se depararem com o nome "Maria Carolina". Desses profissionais, 4 corrigiram sua produção para "filha" e incluíram o nome corretamente. Porém, 3 produziram nomes masculinos no lugar ("Marcos", "Marcelo" e "Márcio"). A compreensão de datilologia (alfabeto manual) é um desafio para intérpretes de línguas de sinais em uma tarefa de interpretação-voz (McDermid, Finton e Chasney 2016). O que parece ter acontecido com esses 3 profissionais é que ao produzirem o nominal "filho" em português eles enviesaram sua compreensão da datilologia apresentada, criando assim uma expectativa por um nome masculino. Ao compreenderem a sequência M-A-R, parecem deduzir o restante, produzindo "Marcos", "Marcelo" e "Márcio". Por fim, 2 intérpretes omitiram o nome próprio em seu produto final. Não é possível afirmar se o motivo dessa omissão foi a não-compreensão da datilologia ou ainda para evitar a reformulação da mensagem já produzida.

2.2 Interação entre tempo e aspecto

A noção de tempo em Libras parece ser marcada não somente por advérbios de tempo, como ONTEM, HOJE, AMANHÃ, PASSADO e FUTURO. Finau (2002, p. 127) afirma que o tempo nessa língua não é marcado apenas por um advérbio no início da sentença, mas depende bastante das relações aspectuais presentes em cada oração.

Os estudos sobre tempo e aspecto em Libras ainda são bastante escassos, mas podemos identificar, pelo menos, quatro importantes construções responsáveis pela interação entre tempo e aspecto:

i) os advérbios de tempo que podem ocorrer em três posições distintas: na posição inicial da sentença, após o sujeito, ou em posição final (Ferreira-Brito 1995; Quadros 1999).

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

ii) a localização em que o sinal é realizado. Sinais mais próximos ao ombro do sinalizador podem ter uma interpretação de passado; sinais produzidos imediatamente à frente têm uma leitura de presente ou de habitual; e sinais realizados mais à frente do corpo e também um pouco mais alto no eixo Y, indicam uma leitura de futuro. Essa espécie de linha do tempo imaginário, já foi sugerida por Ferreira-Brito (1995) (ver, contudo, Finau (2004), para uma proposta alternativa).

iii) sinais que trazem uma interpretação aspectual específica para a sentença e que tendem a ocorrer em posição final, por exemplo: ACABAR e JÁ, que denotam aspecto perfectivo; ACOSTUMAR/HABITUAR, com uma leitura de habitualidade; COMEÇAR, aspecto inceptivo; FIM, aspecto conclusivo ou permansivo; etc.

iv) Podemos citar ainda os sinais V-A-I e AINDA-NÃO que ocorrem preferencialmente no final da sentença e trazem consigo uma leitura de futuro próximo.

O que fica claro é que a interpretação aspectual e temporal das sentenças em Libras é subproduto da relação entre diferentes elementos dispersos em diferentes posições na oração, destacando-se ainda uma preferência desses elementos de ocorrerem em posição final da sentença.

O desafio para a interpretação-voz surge porque o verbo em português já carrega desinência de tempo e aspecto. Assim, ao produzir o verbo do enunciado, o intérprete precisa já ter compreendido a leitura temporal e aspectual da sentença em Libras para que possa escolher a forma verbal correspondente em português. Isso, certamente, exigirá que o intérprete atrase sua produção suficientemente para que possa ter acesso à sentença completa. Contudo, é possível levantar a hipótese de que esse atraso na produção pode resultar em sobrecarga de memória, paralelo ao efeito observado por Riccardi (1996, p. 217) em tarefa de interpretação alemão-inglês, cuja sentença em alemão apresentava verbo em posição final. Essa sobrecarga exigirá do intérprete a adoção de estratégias

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

específicas, de modo a minimizar os efeitos do atraso em sua produção (Seeber e Kerzel 2011; Riccardi 2005).

Os exemplos a seguir, e também os das seções seguintes, são retirados do mesmo conjunto de dados utilizado por Lourenço (2016). Esses dados constituem um mini corpus em que 11 profissionais intérpretes de Libras, todos em atuação como intérpretes em contextos educacionais, realizam a interpretação-voz de uma narrativa sinalizada por uma surda. A produção desses intérpretes foi gravada em áudio e, posteriormente, transcrita.

Veja abaixo uma sentença da narrativa que contém elementos temporais/aspectuais:

Figura 3. Sentença em Libras:
TEMPO-PASSAR ATÉ 7 IDADE JÁ HOJE

A interpretação temporal e aspectual dessa sentença é obtida por meio da interação entre quatro sinais que denotam aspecto-tempo, a saber: TEMPO-PASSAR, ATÉ, JÁ e HOJE. Essa sentença poderia ser interpretada em português como "*o tempo passou e hoje ela já está com 7 anos de idade*". Mas observe que o sinal HOJE ocorre no final da sentença. Se o intérprete iniciar sua produção antes de se deparar com esse sinal, poderá dar uma leitura temporal/aspectual diferente. Veja a produção de alguns profissionais abaixo:

Produção 1: *Até os sete anos de idade, ela continuava...*
Produção 2: *Até sete anos de idade, ele (sic) sempre me cutucava...*
Produção 4: *Com sete anos já, ela já tem uma conversa...*
Produção 5: *Com sete anos, (pausa) ela ama...*
Produção 6: *Com sete anos de idade, é... (pausa) ela adora....*

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

Nas produções 1 e 2, os intérpretes utilizaram o tempo passado. Já a produção 4 é truncada, pois tem-se uma clara influência da ordem da língua de sinais na sentença em português ("*com sete anos já*"). Além disso, tem-se um estranhamento, uma vez que o intérprete, ao finalmente perceber a leitura temporal correta da sentença, emprega o verbo da oração no presente, quebrando a expectativa que vinha sendo gerada ao longo da narrativa, toda construída no passado. É interessante observar também que nas outras duas produções há uma pausa, provavelmente ocasionada pela necessidade de o intérprete reconfigurar seu produto e fazer a transição para o tempo presente.

2.3 Sintaxe espacial

Nas línguas de sinais, o espaço à frente do corpo do sinalizador é utilizado de maneira informativa e também exerce função gramatical. Dentre os diferentes usos do espaço em Libras, destaca-se aqui o estabelecimento de referentes. Em Libras, cada nominal pode ser "associado a uma localização específica no espaço de sinalização. Essa associação pode se dar por meio da apontação (*pointing)* em direção a um ponto específico no espaço, por meio da direção do olhar ou ainda ao se realizar o sinal naquele ponto específico" (Lourenço 2014, p. 47). Esses pontos no espaço são indexados a um referente específico e serão utilizados em contextos de retomada, co-referência, concordância, ação construída e *role-shift*, também conhecido como diálogo construído. Quero aqui me ater a esse último uso do espaço de sinalização e utilizarei o termo "diálogo construído" para facilitar o entendimento do leitor não familiarizado com o funcionamento das línguas de sinais.

Quer (2011) define o diálogo construído como sendo "o mecanismo linguístico presente em muitas línguas de sinais utilizado para reproduzir ou recriar a fala ou os pensamentos de outra pessoa" (p. 277) (tradução nossa). Trata-se, portanto, de uma espécie de discurso direto, que apresenta as seguintes características:

há um pequeno deslocamento do corpo para a posição no espaço associada ao autor do discurso a ser reportado;

a expressão facial tenta reproduzir a expressão facial do autor;

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

há uma mudança na posição da cabeça;

há uma mudança na direção do olhar, de modo a reproduzir a interação desse autor com seu interlocutor.

Uma vez realizado o estabelecimento dos referentes no espaço, o sinalizador pode apenas alternar as posições do corpo para fazer referência a cada um dos participantes do discurso, não havendo, geralmente, retomada lexical explícita desses referentes.

Vejamos um exemplo desse tipo de construção na narrativa que integra este estudo. Há um trecho em que a narradora relata uma conversa entre ela, a professora de sua filha e sua filha. Assim, três diferentes pontos no espaço são estabelecidos: um que faz referência a ela própria, outro associado à professora e um terceiro associado à filha, conforme mostram as imagens a seguir. Repare que quando a narradora e a professora são representadas, a direção do olhar é voltada para baixo, dando a entender que o interlocutor daquele discurso é a filha. Já quando o discurso reportado é o da filha, a direção do olhar se dá para o alto.

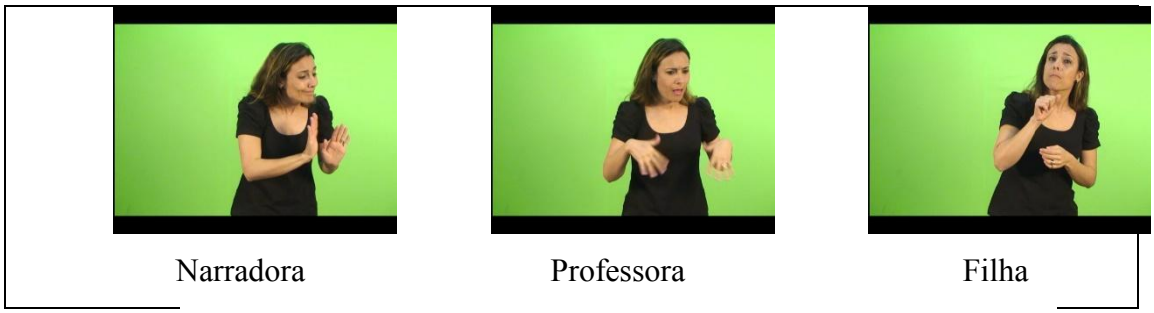

Figura 4. Diálogo construído envolvendo três sujeitos: a narradora, a professora e a filha.

Na tarefa de interpretação-voz, o intérprete deve compreender cada ponto estabelecido no espaço e seu respectivo referente associado. Além disso, é preciso que o intérprete armazene em sua memória esses pontos, uma vez que eles serão retomados em diferentes momentos do discurso. Por fim, o intérprete precisa verter essa informação espacial para a língua

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

portuguesa, utilizando construções dessa língua específicas de discurso reportado, seja por meio do discurso direto ou do discurso indireto.

Observe a produção realizada por alguns profissionais participantes do estudo:

Produção 1: Nossa meu Deus, como que vai ser? Calma. Ela professora ouvinte. Ela fala... (pausa) vovó... (pausa). Eu sou mamãe. Ele é o papai. A Libras você não precisa não. Agora você não precisa usar Libras. Você pode falar, seu nome é qual? Marcelo (sic)... Porque ele ouve. Nossa, e foi um alívio.

Produção 2: Os professores ficavam: "Gente, mas como assim, Libras". Não, a professora, ela é ouvinte, você tem que falar com a professora é igual você fala com a vovó. Com a mamãe, com o papai que são surdos, você tem que usar a língua de sinais, por favor. (pausa) Aí ela falava, tá bom. (pausa) Qual que é o nome dela, ela falava o nome pra professora. Ela é ouvinte, tem que falar.

Produção 3: Aí quando ela entrou pra escola, (pausa) aí ele ficou um pouco aflita. Aí eu mostrei pra ela, olha a professora é igual a vovó, ela se comunica falando igual a vovó e... (pausa) aí foi dando-se a comunicação.

Na produção 1, o intérprete reproduz os diálogos narrados sem, no entanto, distinguir de quem é a fala. O profissional acaba produzindo as falas em sequência, de modo que não é possível identificar o autor de cada uma delas. Já na produção 2, o intérprete começa apresentando quem são os locutores do discurso (os professores ficavam...). Contudo, à medida em que o diálogo se desenrola, o profissional para de trazer esse tipo de informação, resultando também em uma sequência de falas indistinguíveis. Por fim, na produção 3, o intérprete até chega a construir algum tipo de referência ao interlocutor, mas acaba se perdendo e omitindo, quase que na totalidade, o diálogo narrado.

3. Considerações finais

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

A diferença gramatical entre línguas e sua implicação para uma tarefa de interpretação simultânea é um tema bastante profícuo dentro do campo dos Estudos da Interpretação. Assim, diferentes pares linguísticos já foram colocados sob investigação de modo a verificar quais estratégias podem ser empregadas ou mais bem exploradas por intérpretes que atuam com essas línguas.

O presente artigo contribui com esse debate, ao discutir como diferenças morfossintáticas entre a Libras e o português podem impactar o trabalho do intérprete durante a interpretação-voz. A partir de exemplos retirados de uma tarefa de interpretação simultânea Libras-português, foram discutidos três aspectos da gramática da Libras e como eles podem se tornar problemas de interpretação.

Esperamos que a discussão aqui apresentada possa fomentar os estudos sobre interpretação-voz, assim como contribuir para a formação de intérpretes de Libras. Afinal, uma vez entendidas as questões gramaticais que permeiam a tarefa de interpretação-voz (e também a interpretação-sinalizada), é possível buscar estratégias específicas para o par Libras-português, incluindo-as na formação de novos profissionais.

Referências

AIIC. Enseignement de l'interprétation. Dix ans de colloques (1969-1970). Geneva: AIIC, 1970.

AL-RUBAI'I, A. M. H. A. The Effect of Word Order Differences on English-into-Arabic Simultaneous Interpreters Performance, **Babel**, vol. 50, no. 3, 2004, pp. 246.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

CRASBORN, O. **Why is it hard to 'voice interpret'?** Trabalho apresentado em Magdeburg University of Applied Sciences, Germany, 2006.

DENISSENKO, J. Communicative and Interpretative Linguistics. In: GRAN, L.; DODDS, J. (eds.) **The Theoretical and Practical Aspects of Teaching Conference Interpretation**. Campanotto Editore. 1989.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

EMMOREY, K.; BOSWORTH, R.; KRALJIC, T. Visual feedback and self-monitoring of sign language. **Journal of Memory and Language**. 61, 2009, p. 398–411.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FINAU, R. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras**. Tese de doutorado, UFPR, 2004.

GILE, D. Conference Interpreting as a Cognitive Management Problem, **Applied Psychology**, vol. 3. London: Sage, 1997, p. 196-214.

----------. Directionality in conference interpreting: a cognitive view. In: R. GODIJNS, R.; HINDEDAEL, M. (eds.) **Directionality in interpreting**. The 'Retour' or the Native? Ghent: Communication and Cognition, 2005, p. 9-26

JANZEN, T. Introduction to the theory and practice of signed language interpreting. In: JANZEN, T. (ed.). **Topics in Signed Language Interpretation**. Philadelphia, PA: John Benjamins, 2005, p. 323-353.

JÖRG, U. Bridging the Gap: Verb Anticipation in German-English Simultaneous Interpreting. **Benjamins Translation Library**, vol. 20. 1997, pp. 217-28.

KURZ, I.; FÄRBER, B. Anticipation in German-English Simultaneous Interpreting. **Forum 1 (2)**. 2003, pp. 123–50.

LEE, T. H. Ear Voice Span in English into Korean Simultaneous Interpretation, **Meta**, 47. 2002, p. 596–606.

LEESON, L. Making the effort in simultaneous interpreting: Some considerations for signed language interpreters. In: JANZEN, T. (ed.). **Topics in Signed Language Interpretation**. Philadelphia, PA: John Benjamins, 2005, p. 51-68.

LOURENÇO, G. **Concordância, Caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta minimalista. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014.

----------. O papel do conhecimento explícito na formação de intérpretes de línguas de sinais: explorando diferenças gramaticais e de modalidade entre a Libras e o português. Trabalho apresentado no **V Congresso**

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

----------. Investigando a produção de construções de interface sintático-gestual na interpretação simultânea intermodal. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, 2015.

MCDERMID, C.; FINTON, L.; CHASNEY, A. Contextualized Recognition of Fingerspelled Words, **Journal of Interpretation**, Vol. 25: Iss. 1, 2016.

METZGER, M.; QUADROS, R. M. Cognitive Control in Intermodal Bilingual Interpreters. In: QUADROS, R. M.; FLEETWOOD, E; METZGER, M. (Org.). **Signed Language Interpreting in Brazil**. 1ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2012, v. 1, p. 43-56.

NAPIER, J.; ROHAN, M.; SLATYER, H. Perceptions of Bilingual Competence and Preferred Language Direction in Auslan/English Interpreters. **Journal of Applied Linguistics**. 2(2), 2005, p. 185-218.

NASCIMENTO, M. V. B. Interpretação da Libras para o português na modalidade oral: considerações dialógicas. **Tradução & Comunicação**. Revista Brasileira de Tradutores. v.24, 2012, p.79-94.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction Asymmetries in Spoken and Signed Language Interpreting. **Bilingualism: Language and Cognition**. 16(3), 2013, p. 624-636.

----------. Directionality in ASL-English interpreting: Accuracy and articulation quality in L1 and L2. **Interpreting**, 17(2), 2015, p.145-166.

PADDEN, C. A. Simultaneous Interpreting Across Modalities. **Interpreting**. n.5, v.2, 2000, p. 169-185.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2004.

POINTURIER-POURNIN, S. **L'interprétation en Langue des Signes Française**: contraintes, tactiques, efforts. Tese de Doutorado. Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle, 2014.

QUADROS, R. M. **Phrase structure of Brazilian sign language.** Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

QUER, J. Reporting and quoting in signed discourse. In: BRENDEL, E.; MEIBAUER, J.; STEINBACH, M. (eds.) **Understanding quotation**, Berlin: Mouton de Gruyter. 2011, p. 277–302.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

RICCARDI, A. Language-Specific Strategies in Simultaneous Interpreting. In: Cay Dollerup, C.; Appel, V. **Teaching Translation and Interpreting 3**: New Horizons. Papers from the Third Language International Conference, Elsinore, Denmark, 1995, Benjamins Translation Library 16, 1996, p. 213-222.

----------. On the Evolution of Interpreting Strategies in Simultaneous Interpreting. **Meta 50** (2), 2005, p. 753-767.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

SEEBER, K. G., & KERZEL, D. Cognitive load in simultaneous interpreting: Model meets data. **International Journal of Bilingualism**, 16 (2), 2011, p. 228–242.

SELESKOVITCH, D. **Interpreting for International Conferences**. Pen and Booth, Washington D.C, 1978.

SILIANG, H. **Grammatical Performance in Simultaneous Interpretation: An Error Analysis**. The Chinese University of Hong Kong. 2005.

VAN DEN BOGAERDE, B. **Voicing barriers.** Trabalho apresentado em The European Forum of Sign Language Interpreters (efsli) Conference, Glasgow, Scotland, 2010.

VAN DIJK, R.; BOERS, E.; CHRISTOFFELS, I. K.; HERMANS, D. Directionality effects in simultaneous language interpreting: The case of sign language interpreters in the Netherlands. **American Annals of the Deaf**, 156 (1), 2011, p. 47–55.

WANG, M. S. The Impact of Grammatical Differences on English-Mandarin Chinese Simultaneous Interpreting. **International Journal of Social, Behavioral, Educational, Economic, Business and Industrial Engineering**, Vol.10, N. 10, 2016.

ZANETTI, R. Relevance of Anticipation and Possible Strategies in the Simultaneous Interpretation from English into Italian. **The Interpreters' Newsletter 9**, 1999, pp.79–98.

10.17771/PUCRio.TradRev.34530

Resumo

Este artigo objetiva discutir o processo de interpretação simultânea da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a Língua Portuguesa, a partir das diferenças morfossintáticas entre essas duas línguas. Para isto, algumas marcações morfossintáticas são apresentadas, assim como seus efeitos na tarefa de interpretação simultânea e nas escolhas interpretativas empregadas. Mais especificamente, analiso as marcações de gênero, de tempo e aspecto, e questões relacionadas à sintaxe espacial da Libras. Essas dissemelhanças morfossintáticas acabam por exigir a adoção de estratégias específicas do intérprete quando trabalhando na direção Sinais-para-Voz.

Palavras-chave: Interpretação de línguas de sinais; interpretação intermodal; Língua Brasileira de Sinais; interpretação-voz.

Abstract

This paper aims at discussing the simultaneous interpreting process from Brazilian Sign Language (Libras) to Portuguese, considering the morphosyntactic differences between these languages. Some morphosyntactic markings are presented as also their effects on the simultaneous interpreting task and on the interpreting choices. More specifically, I will discuss the marking of gender, tense and aspect, and some issues related to the spatial syntax of Libras. Once these categories are marked differently in these languages, it imposes a challenge to the interpreter, requiring the adoption of specific strategies in a sign-to-voice task.

Keywords: Sign language interpreting; intermodal interpreting; Brazilian Sign Language; sign-to-voice interpreting.